



INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO AVANÇADA - IIFA

A ARTE QUE É
AS CAUSAS DAS COISAS QUE SÃO ARTE

Tese de Doutoramento no ramo de Artes Visuais
apresentada por Pedro Portugal

Orientador: Filipe Rocha da Silva (UE)
Co-Orientador: Jorge Ramos do Ó (UL)

Esta tese não inclui as sugestões feitas pelo júri



INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO AVANÇADA - IIFA

A ARTE QUE É
AS CAUSAS DAS COISAS QUE SÃO ARTE

Tese de Doutoramento no ramo de Artes Visuais
apresentada por Pedro Portugal

Orientador: Filipe Rocha da Silva (UE)
Co-Orientador: Jorge Ramos do Ó (UL)

Esta tese não inclui as sugestões feitas pelo júri

A ARTE QUE É

**AS CAUSAS
DAS COISAS
QUE SÃO ARTE**

**Pedro Portugal
2011**



Para a Francisca e a Isabel

A ARTE QUE É
AS CAUSAS DAS COISAS QUE SÃO ARTE
Pedro Portugal

Tese de Doutoramento no ramo de Artes Visuais (Teórico-Prática)
Universidade de Évora
2011

Orientador: Filipe Rocha da Silva (UE)
Co-Orientador: Jorge Ramos do Ó (UL)

Agradecimentos: Aca Van Lis, Pedro Proença, Joaquim Oliveira Caetano,
Adriana Alcântara, Fernando Brito, Maria da Graça Carmona e Costa, Paulo
Ramalho, Manuel João Vieira, Paulo Seabra, Pedro Tudela, Clara Menéres, José
Lemos, José Guilherme Campos de Carvalho, Artur Rebelo, Lizá Ramalho, Marta
Moreira de Almeida, Miguel von Hafe Pérez, Caroline Pagés, Maria Cristina
Portugal, Branca Portugal, Raquel Melgue, Samuel Alcobia, Sertório Andrade,
José Libreiro.

Copyright © 2011, Pedro Portugal

ÍNDICE

RESUMO / ABSTRACT	13
INTRODUÇÃO	15
 PARTE I - EXPLICAÇÃO.....	 21
1. A ARTE QUE É	23
2. A ARTE QUE NÃO É	25
3. UNIREPRESENTATIO	32
4. TELEANTROPOS	34
5. MAIS RÁPIDO QUE A PRÓPRIA SOMBRA	36
6. SAPATO-COISA	38
7. CONDIÇÃO-MOTIVO COISA	42
8. A ARTE E OS SEUS DESTRUÍSMOS	43
9. FAZER OU NÃO FAZER COISAS	50
10. SER OU SER ARTISTA	56
11. OS 3 DA ARTE	59
12. O ARTOMO	61
13. O EXPLICADISMO	63
 PARTE II - OBRA	 71
ARCAICO	73
CLÁSSICO	115
BARROCO	183
MODERNO	235
CONTEMPORÂNEO	293
 CONCLUSÃO	 353
GLOSSÁRIO	357
ADENDA I - (Prática)	363
ADENDA II - (Artigos publicados 2007/11) ...	373
ÍNDICE DE IMAGENS	453
BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA	469

RESUMO:

Esta tese foi elaborada com o objectivo de analisar a relação entre a acção artística, a existência da arte e as razões para a existência de uma coisa que se chama arte.

A primeira parte é a explicação da qualidade essencial da arte que é ser arte, facto que a distingue de todas as outras realizações. Se a arte é, é o que é. As causas das coisas que são arte são elas próprias arte. A arte pode ser qualquer coisa, pode ser feita por todos e está em toda a parte mas só é arte quando consegue passar por arte.

A segunda parte é o resultado da análise e sequenciação que foi produzido pelo efeito da existência da acção artística do artista Pedro Portugal e sobre os sentidos que sobre ela foram escritos por críticos e académicos, demonstrando na prática que a arte é quando um artista também é.

ABSTRACT:

The art that is. The causes of the things that are art.

If art is what it is, it is what it is. The causes of what art is became art in itself. Art can be anything, can be done by anyone and is everywhere but is art only when you can get away with it. If the manufacturing process of art objects is a composition made with parts of other objects and processes, the methodology followed in this thesis, which is the result of analysis and sequencing on the meanings that were produced by critics and academics, constitutes the very subject matter of investigation that was made by the effect of the existence of Pedro Portugal's artistic action. The outcome is a demonstration that art is when the artist is to.

INTRODUÇÃO



archaic●



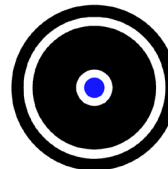
classic●



barroc●



modern●



contemporane●

2



3

Esta tese de doutoramento está dividida em duas partes. Na primeira parte, EXPLICAÇÃO, é pensada uma explicação para o fazer artístico no tempo e no espaço e nas estruturas intelectuais que o sustentam e situam. É também um programa de análise da leitura e discurso da arte como representação que significa e os acontecimentos decorrentes desta existência semântica.

É uma discussão sobre porque é que as coisas que não são arte se transformam em arte e um ensaio de explicação dos fenómenos e coisas relacionadas com a ocorrência do artístico: a arte é arte porque foi feita por artistas e os artistas fazem arte porque a arte existe. O artista Ad Reinhardt dizia que: «A arte é arte. Tudo o resto é tudo o resto» e que «Arte não é o que não é arte». (REINHARDT, 1991: 51)

Categorizar ou atribuir a classificação de arte a uma coisa é uma tarefa elusiva considerando o âmbito e dinâmica admitidas por tudo o que se relaciona com a acção artística.

A segunda parte, OBRA, está dividida em cinco capítulos que obedecem a um critério cronológico de produção: Arcaico, Clássico, Barroco, Moderno e Contemporâneo dividem no tempo a minha produção como artista e correspondem aos períodos por que passam habitualmente os artistas e as civilizações. Compreende a totalidade da minha história artística: as obras que fiz e que me pediram para fazer e a sua descrição relacionada com os registos publicados em jornais, catálogos livros e revistas.

Quis assim que a ordenação e classificação do conteúdo deste texto fosse uma extrapolação para uma tese académica do que é a minha produção artística: desde a Escola de Belas Artes em Lisboa (1982), a que corresponderia o Arcaico, até à acção para-ecológica CRUS0E2 na Barragem do Alqueva (2010), no fim do Contemporâneo.

17

Os 5 símbolos desenhados para os cinco capítulos da segunda parte são sintetizações pictogramáticas redesenhadas a partir de um desenho de Paul Klee. O Arcaico, o Clássico e o Barroco são classificações operativas na História da Arte até ao fim do século XIX. É aceite que todos os períodos artísticos passam por metamorfoses cíclicas, começando por período arcaico (ou primitivo) seguido de um período classicizante de consolidação e aperfeiçoamento e, por fim, a um período exuberante (ou barroco)

de fim de império, a festa rabelaisiana que vai provocar num novo arcaico, ou aquilo que chamamos hoje vanguarda ou últimas tendências. No século XX passa a ser possível compartimentar os períodos artísticos em mais duas categorias: o Moderno e o Contemporâneo. Estas novas classificações justificam-se pelo aumento do número de coisas a que chamamos arte e por causa da possibilidade de compilar e acumular informação — sendo o pós-moderno um barroquismo do moderno e o contemporâneo uma compressão do presente com o passado.

A minha postura perante o que foi dito sobre a arte de que sou responsável tem o mesmo afastamento que existe perante a minha própria produção artística: opero remotamente uma matéria que se chama arte e cuja manipulação dá origem a uma coisa que tem que ser necessariamente arte. Estando garantido que uma obra de arte tem origem numa obra de arte o tema para a minha produção artística fica para mim resolvido a partir de 1986: todas as pinturas que realizei a partir dessa data são compostas com partes de outras obras de arte. Esta distanciação assegura que não há erro conceptual ou iconográfico — e se houver erro não me deve ser atribuído. Por outro lado, a autoria está defendida porque o autor se demite dessa responsabilidade. Barthes afirma em *Critical Essays* que «o autor inaugura uma ambiguidade de sentido por não responder a questões nem ter um objectivo conclusivo. A criação do autor existe separada do autor ele próprio.» (BARTHES, 1972: 61)

Também Foucault em *O Que É Um Autor* refere esta quebra como uma obliteração voluntária do eu — «quando o autor abdica e apaga do texto as características individuais e reitera a ideia de que o artista só pode fazer arte porque já há outra arte que foi anteriormente feita.» (FOUCAULT, 1992: 34) Deleuze fortifica por outro lado a ideia da desnecessidade da substância e da autonomia da arte quando acha que um pintor não diz: «Ei, vou pintar um quadro». É preciso que haja uma necessidade. Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade. «Composição, composição, é a única definição da arte. A composição é estética, e o que não é composto não é uma obra de arte.» (DELEUZE, 1992:169)

Esta necessidade absoluta da criação artística foi o *leitmotiv* para a continuação da fabricação de obras que são arte porque são constitutivamente arte elas mesmas. A arte é uma maneira de fazer arte. O artista é o veículo e o instrumento. A arte é a estrutura. A arte em si sempre me pareceu uma ideia objectiva e próspera. «A arte é um ser de sensação, e nada mais: existe em si.» (DELEUZE, 1992:145)

Este objecto académico constituí-se assim como uma sequenciação de um trabalho e sobre os sentidos que sobre ele foram produzidos por críticos e académicos. Se o processo de fabrico dos objectos artísticos é uma composição feita com partes de outros objectos e processos, a metodologia seguida nesta tese, que é o resultado dessa análise, é constituída pela própria matéria de análise que foi produzida pelo efeito da existência da própria produção artística. Estou convencido que esta meta-interpretação é fundamental na apreciação pública do meu trabalho e que foi, ao mesmo tempo, uma influência determinante na minha própria actividade artística.

No plano conceptual, a tese socorre-se de um amplo leque de neologismos e noções gerais cujo conteúdo e modo de utilização carecem, em meu entender, de ser explicitados em extensão. Por essa razão elaborei um glossário que se apresenta no final da dissertação, acreditando que, por seu intermédio, o trabalho adquirirá outra clareza e precisão analíticas, facilitando o trabalho do leitor.

